

Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

VOL. 19, N° 2

2017

Universidade Federal da Paraíba

Reitora

Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora

Ana Cristina Marinho

Revista Graphos

Editores-Chefes

Marta Pragana Dantas

Roberto Carlos de Assis

Organizador do Dossiê

LITERATURA ERÓTICA

Hermano de França Rodrigues (UFPB, Brasil)

Conselho Editorial

Aloísio Dantas (UFCG, Brasil)

Cristina Mello (Universidade de Coimbra, Portugal)

Ester Míriam Scarpa (UNICAMP, Brasil)

Genilda Azerêdo (UFPB, Brasil)

Gentil Luís de Faria (UNESP - Rio Preto, Brasil)

Juan Antônio Lopes Ferez (UNED, Espanha)

Laura Beard (University of Alberta, Canada)

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB, Brasil)

Luiz Antonio Mousinho Magalhães (UFPB, Brasil)

Maria da Gloria Bordini (PUC - RS, Brasil)

Maria do Rosário Gregolin (UNESP - Araraquara, Brasil)

Maria do Socorro Aragão (UFC, Brasil)

Maria Nazaré Soares Fonseca (UFMG, Brasil)

Peggy Sharpe (Florida State University, EUA)

Rita Terezinha Schmidt (UFRGS, Brasil)

Valdir Flores (UFRGS, Brasil)

Pareceristas *ad hoc*

Marinalva Freire da Silva (UEPB)

Eneida Maria Gurgel de Araújo (UEPB)

Fernanda Barboza de Lima (UFPB)

Jailto Luis Chaves de Lima Filho (UEPB)

Nilsamira da Silva Oliveira (UFPB/ETS)

2017

APRESENTAÇÃO

AS LETRAS DO SEXO E A FÚRIA DAS PULSÕES

Desde as primícias da existência, o homem mantém relações bastante significativas com as interdições que lhe são endereçadas pela Cultura, sem as quais, a formação dos grupos (em todas as suas dimensões e com todas as suas particularidades) seria severamente comprometida, ao ponto, talvez, de não acontecer. Os mitos, as superstições, os ritos de iniciação, o culto às deidades, são apenas alguns exemplos do empreendimento humano face à angústia do limite, das fronteiras. Aquilo que Sigmund Freud [1856-1939], em 1930, denominou de *civilização* comporta um sistema de códigos, condutas e crenças, partilhado entre os integrantes de um corpo social, responsável por instaurar as leis reguladoras do desejo, da agressividade, das pulsões eróticas e tanáticas.

Se a contenção dos desejos arcaicos permitiu-nos alcançar o *estágio civilizatório*, por outro lado, estimulou-nos a forjar subterfúgios, a fim de reencontrá-los, seja de forma comedida e disfarçada, convertendo-os em ações socialmente aceitáveis, seja por intermédio de comportamentos excessivos e dissimulados, que nos impõem, de maneira indissociável, uma dupla trajetória de gozo: a *transgressão* e o *acesso*. É na intersecção entre o perigo e a recompensa, na infração ao tabu e no contato com o proibido, que residem os encantos e sortilégios da pornografia. Ela nos afeta, devasta-nos e, ao mesmo tempo, torna-nos demasiadamente humanos, ao desnudar nossas fragilidades, ao escancarar as fantasias operantes em nossa sexualidade, ao aguçar a imaginação através de sinestésias e provocações, ao denunciar as falências de nosso narcisismo (no laço com o pornográfico, quem é o senhor?), ao delatar a parte obscura de nós mesmos. Dimensão obscurecida pela moralidade, pela vida social, pelas restrições a que nos submetemos em favor de um ideal de conduta, sempre inacessível e fugaz.

O paradoxo da pornografia é sua solidariedade com o tabu, compartilhando com este do horror e da veneração que lhe são próprios. Daí as aflições que se abatem sobre todo aquele que segue seus passos e envereda por seus territórios. Assim como a violação ao tabu consagra o infrator e, em concomitância, lança-o ao degredo, na medida em que o estigmatiza, fazendo-o ocupar o lugar de objeto odioso e execrável, o contato com a pornografia, de igual modo, metamorfoseia a mortalidade em heroísmo, desterritorializando o sujeito que, maculado por seu ato, transforma-se em um ser abjeto e repulsivo. Essa ambivalência, antes de se converter em

posições culturais, constitui a origem dos mais violentos e duradouros impulsos humanos. A fixação em um polo ou outro, ou a oscilação entre um e outro (do horror à veneração, do sagrado ao impuro), demarca nossa atuação frente às concepções de sexo e de sexualidade, postas em evidência nas representações históricas do corpo. Nas palavras do ensaísta e historiador da arte Alexandrian (1993), a pornografia segue o itinerário da carne, evidenciando sua fúria, sua beleza e seus prazeres.

O pai da psicanálise, em *Totem e Tabu [1912-1913]*, expõe nossa vulnerabilidade ante os efeitos (des)agregadores das interdições. Afirma, inclusive, que “não existe povo e estágio de cultura que tenha escapado aos danos do tabu” (2012, p.49). Tal reflexão nos ajuda a entender o processo de exclusão perpetrado pelas sociedades contra a experiência pornográfica. Embora o termo derive da língua grega e remeta aos *escritos sobre prostitutas* (do grego *porn(o)* = prostituta, e *graphein* = escrita), a história da pornografia confunde-se, quiçá, com o surgimento dos primeiros grupos. A pré-história legou-nos um rico acervo de pinturas rupestres em que o coito é representado em posições diversas, o que, sugere, no mínimo, uma tentativa de lidar com as forças eróticas. Certamente, o controle sexual não era tão aterrador e, com efeito, nossos antepassados incorreram no sexo, naturalizando-o conforme suas necessidades. Saltando para Antiguidade, os *afrescos eróticos de Pompéia*, descobertos em 1862, preservam as memórias sexuais de uma civilização nada ortodoxa em relação às práticas licenciosas. Na Roma antiga, a prostituição não era proibida, e o *lupanare* (do latim *lupa* = prostituta) ergueu-se como uma das maiores atrações do império. Nos bordéis – ou lupanares –, em geral, estavam homens e mulheres, escravizados, trazidos da Grécia e de outras regiões conquistadas pelos romanos. Socialmente hierarquizados, esses estabelecimentos reservavam os melhores quartos e seus/suas melhores profissionais aos clientes ricos; os menos abastados eram destinados às acomodações mais simples e, lá, usufruíam dos “cuidados” que lhes restavam.

A devassidão romana, cumpre dizer, aponta para uma dimensão pouco considerada pelos estudos históricos. A disseminação dos prostíbulos ratificava uma cultura de dominação, de opressão e segregação. Inflados pelo poder, pelo ideário bélico, os romanos se posicionaram, sobretudo em relação ao sexo, como os mais imponentes violadores. Não se importavam se penetravam o corpo masculino ou feminino. O inadmissível era a passividade, o abandono da virilidade. As práticas homossexuais, nesse cenário, desde que os seus “agentes” não assumissem traços considerados tipicamente femininos, foi, em certa medida, suportada. Lembremos que a Roma clássica erigiu-se em bases patriarcais, das quais emanaram os tabus que fizeram da masculinidade uma virtude a ser conquistada, preservada e, jamais,

negligenciada. Somente o viril era dotado da faculdade de governar a si mesmo e aos outros de menor ou nenhum prestígio social, tanto na vida pública como na cama. No âmbito do privado, os grilhões que aprisionavam a sexualidade e seus matizes eram despedaçados e, tal como a narrativa mítica de Prometeu, símbolo da conjunção entre prazer e punição, o fígado do decoro e do pudor renascia e se consolidava na esfera comunitária. Assim, as cores da pornografia romana, em suas redes e contradições, provêm das privações e hipocrisias que circularam em sua época.

A literatura também sucumbiu às delícias da excitação sexual. Ovídio, considerado um dos maiores poetas latinos de todos os tempos, que viveu, provavelmente, entre os séculos 42 a.C. e 17 d.C, perturbou a era clássica com obras que exalavam, em versos, os fluidos eróticos. Dessa safra, destacamos *Heroides*, *Amores* e *Ars Amatoria*. Esta última – um manual didático sobre sedução e intriga – teria motivado a ira do imperador Augusto, que, insatisfeito com os conselhos perigosos do vate romano, banuiu-o de seus domínios. Na Grécia helenística, onde o corpo traduzia o ideal de homem, as incursões literárias pelos campos do proibido foram mais pacíficas, conquanto estivessem impregnadas das convicções políticas das cidades-Estado. Com *Lisístrata*, Aristófanes satiriza, com violência, a sociedade grega, escarnecendo-a a partir da insubmissão feminina, acionada por um levante de mulheres que, cômicas da “potência” de sua condição, conduzem os maridos a estados de medo e loucura. Para tanto, instituem uma greve de sexo. A temática é tão instigante e arrebatadora que percorreu as estações e ressoou em nossa modernidade, no célebre romance *Tereza Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado, publicado em 1972. A protagonista, aqui, lidera uma greve das prostitutas de Salvador, conclamando-as a “fechem as pernas”, a fim de se contraporem às agruras e à acidez de um meio capaz de aniquilar os que estão à margem. A narrativa adentra no erotismo de maneira impetuosa, brutal e sem comedimentos.

Convém, por questões de hermenêutica, frisar que consideramos o *erótico* e o *pornográfico* como fenômenos que se imbricam, misturam-se e se confundem. A ligação é tão pujante que qualquer tentativa de separá-los está fadada ao fracasso. A diáspora a que foram, durante séculos, submetidos (e que, estranhamente acentua-se no contemporâneo) denota a moral perversa que, ainda, rege as sociedades, sobretudo as ocidentais, marcadas por ideologias religiosas e médicas, lapidadas ao engenho patriarcal e heteronormativo. Situar o *erótico* no espaço do sublime, do belo, da saúde e, em contrapartida, impor ao pornográfico as insígnias do grotesco, da feiura e da patologia, diz, na verdade, de uma incapacidade ética e estética de lidar com o próprio desejo. A história é testemunha dos esforços efetuados (e malsucedidos), a

fim de reduzir esses “efeitos do agir humano” a um denominador comum. A depender da época e dos sujeitos, o erótico converte-se em pornográfico e vice-versa. É óbvio que não podemos apresentá-los como iguais, conformes, sinonímicos. A pornografia, além de conter tudo o que é erótico, concentra algo a mais, da ordem do irrepresentável, de um gozo mortífero, sedutor e inevitável. Contra ela, o máximo que o sujeito poderá fazer é negá-la. E recorrendo a essa artimanha, estará alimentando-a mais e mais.

Referências

- ALEXANDRIAN. *História da Literatura Erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas*, Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: *Obras Completas*, Volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- HUNT, Lynn. *A invenção da pornografia*. São Paulo, Hedra, 1999.
- MCDOUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de Eros – uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra M. *O que é pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

Hermano de França Rodrigues
João Pessoa, dezembro de 2017